

O TRABALHADOR

SEMANÁRIO DO POVO

RESPEITAI A INTELIGÊNCIA

O acesso à cultura é um dos deveres fundamentais de todo o homem.

Brilha com efeito em cada um de nós uma luz misteriosa que nos distingue dos outros animais, e abrindo-nos as trevas do caminho, nos arrasta para o infinito donde essa luz partiu. A inteligência é a nossa maior glória, porque sendo nós matéria, por ela nos ligamos, de direito próprio, ao mundo espiritual. «Anjo e besta», na frase realista de Pascal, o homem tem o seu destino definido na busca ascensional da Verdade, objecto apaixonante de toda a Inteligência.

A lei do aperfeiçoamento humano é, portanto, a «desbestialização» do homem. A cultura e a ciência são linhas do progresso, e aquele que voluntariamente renuncia à cultura, renuncia à sua dignidade humana e diminui, por isso mesmo, a humanidade inteira.

O acesso à cultura é, portanto, um dever imposto pela própria natureza humana, dever a que ninguém se pode esquivar sem crime de lesa-humanidade.

Assumem, porém, gravidade especial os atentados contra a inteligência, tão facilmente cometidos por quantos fazem monopólio da cultura ou da ciência ou a pretendem abafar sobre pretextos vãos. A inteligência vingá-se sempre de quantos a ofendem, porque, ofendendo-a, é a própria natureza humana que maculam. E contra a natureza é loucura batalhar.

Não desrespeitem nunca a inteligência, prezados camaradas! Venerai-a como parcela que é da luz divina. Estimai-a como o dom mais precioso que cada um de nós possui. Valorizai-a em vós e nos outros, respeitando sempre nela a Verdade que procura.

E ascendei à cultura, repellido sempre como homens maus que são, aqueles que ofenderem, diante de vós, a inteligência e a cultura.

ESTE JORNAL
FOI COMPOSTO
E IMPRESSO NA
GRÁFICA BOA
NOVA, LDA.
L I S B O A

A CAMINHO DO ENTENDIMENTO SOCIAL

Depois que o glorioso Pontífice Pio XI — cuja memória perdura no coração de todos quantos se interessaram em abrir o caminho da paz social — escreveu na encíclica *Quadragesimo Anno*, que o contrato de salário deveria ser atenuado por certos elementos tirados do contrato de sociedade, por todo o mundo, cristãos e mesmo não cristãos, deram-se à tarefa de estudar como isso se poderia realizar, em teoria e na prática.

Juristas, políticos, economistas, organizações patronais e operárias, sobretudo durante a guerra, deram as mãos, numa interessante colaboração intelectual, em busca das fórmulas modernas que realizassem, dadas as condições actuais do mundo, a reforma das empresas, de forma a chegar-se à realização da justiça social.

É claro que os partidos comunistas deixaram de se interessar por estas questões, pois o seu ideal é a ditadura do proletariado que não pode nunca realizar a justiça pela qual nos devemos bater.

Todas as outras correntes, porém, incluindo as organizações patronais, de quase todos os países, com mais ou menos entusiasmo começaram a fazer os seus estudos nesse sentido e já se vai chegando, felizmente, a conclusões de ordem prática extremamente interessantes.

Uma delas é o acordo realizado em Fevereiro deste ano, na Bélgica, entre a Federação dos Patrões Católicos e os Sindicatos Cristãos.

Depois da reunião havida em 3 de Fevereiro, que, segundo informa o Boletim Sindical respectivo, correu num ambiente de mútua compreensão, foi publicado o seguinte texto:

Preâmbulo

A Federação dos Patrões Católicos da Bélgica e a Confederação dos Sindicatos Cristãos querem temperar o contrato de aluguer de serviços por elementos tirados do contrato de so-

A FEDERAÇÃO DOS PATRÕES CATÓLICOS DA BÉLGICA E A CONFEDERAÇÃO DOS SINDICATOS CRISTÃOS CHEGARAM A ACORDO SOBRE OS PRIMEIROS PASSOS PARA A REFORMA DE ESTRUCTURA

cidade, de maneira a assegurar, especialmente, a participação progressiva dos trabalhadores na gerência das empresas. Dizem que as reformas de estrutura em curso devem tender para este fim.

Acordo

A Federação dos Patrões Católicos e a Confederação dos Sindicatos Cristãos, desejosas de contribuir em comum na elaboração das reformas de estrutura, chegaram a acordo para propor o seguinte:

1.º — Serão instituídos Conselhos de Empresa em todas as empresas com um mínimo de 50 trabalhadores. Este número pode ser reduzido sob proposta da Comissão Paritária competente.

Em todas as empresas em que se tornar obrigatório um Conselho de Empresa, o chefe da empresa deverá comunicar ao referido Conselho infor-

mações sobre a produtividade da empresa.

2.º — Os chefes de empresa darão aos Conselhos de Empresa informações de ordem económica nas empresas que tenham mais de 500 operários ou que tenham um capital superior a 10 milhões de francos. Estes critérios podem ser modificados sob proposta do Conselho Económico da Profissão.

3.º — As informações a que se refere o n.º 2.º serão determinadas, no que se refere à sua natureza e amplitude, pelo Conselho Económico da Profissão. Em todo o caso devem permitir aos trabalhadores seguir a marcha geral da empresa, sem contudo expor a empresa a indescições ou a uma concorrência desleal.

4.º — Quando o Conselho da Empresa comporte mais de 5 membros delegados do pessoal, o chefe da empresa fica com a faculdade de não fornecer os elementos a que se refe-

rem os números 2 e 3, senão a uma delegação de um máximo de 5 membros, designados por eles mesmos, entre os membros que representam o pessoal no dito Conselho.

5.º — Em caso de contestação das informações fornecidas, o «controle» será feito por Inspectores designados pelo Secretariado do Conselho Económico de Profissão.

Feito em Bruxelas, a 3 de Fevereiro de 1948.

Este acordo tem sido objecto de grandes comentários na imprensa de todas as cores daquela simpática Nação. O Partido Social Cristão que, como se sabe, governa o país conjuntamente com os socialistas, apresentou ao Parlamento uma Proposta de Lei no mesmo sentido. Essa proposta acaba de ser modificada, no que se refere aos Conselhos de Empresa, pelo Acordo acima transcrito, que dá um aspecto novo à questão.

O mais interessante de tudo é verificar como os Patrões se interessam por estes problemas da hora actual, e como vão tomando, eles próprios, a iniciativa das reformas propostas, convencidos que daí advêm vantagens para todos, incluindo o próprio capital — segundo eles mesmos afirmam.

Realmente, é este o melhor, se não o único caminho da Paz Social.

TAVOLAGEM

Anda o jornal «O Século» empenhado numa grande campanha contra o jogo, a demonstrar os seus efeitos desastrosos, a pugnar por uma regulamentação mais rigorosa das casas que o exploram e pelo rigoroso cum-

primento dessa mesma regulamentação.

Não podemos deixar de aplaudir essa campanha e fazer coro com o importante jornal, neste assunto de tão grande importância.

As declarações que a seguir transcrevermos seriam razão suficiente para convencer da gravidade deste problema, aqueles que não queriam ver nos artigos publicados em «O Século» mais do que um ataque aos interesses de Sintra, ou da empresa do Casino dessa magnífica estância de turismo.

Pode afirmar-se que 70 a 80 por cento dos que cometem em Lisboa desfalques, falsificações, burlas e abusos de confiança têm passado pelas casas de jogo. — Escreveu-se no jornal que citámos:

O problema do jogo divide-se em duas classes. A dos que podem jogar e a dos que não podem jogar e jogar. Para os primeiros, não me repugna que haja jogo e que possam jogar. São senhores do seu dinheiro, podem gastá-lo como entenderem. Mas para os segundos, entendo que deviam tomar-se todas as providências para evitar que joguem. Ora são precisamente estes os que não podem jogar, mas que jogam, que constituem o caudal das vítimas desse terrível vício. Uns, por desmedida ambição; outros, por louca intenção de encobrirem uma falta que mais se agrava, encontram no jogo a perda de uma situação, a perda da liberdade e da dignidade e, por vezes, até a perda da própria vida.

Ainda recentemente — foi descoberto um desfalque na agência da Empresa Insulana de Navegação. Quando o empregado em falta soube que a Polícia estava no conhecimento do desfalque, suicidou-se. Onde foi gasto o dinheiro do desfalque, que se eleva a mais de 3 mil contos? No Estoril. Sim, à parte umas dezenas de contos gastos em extravagâncias, o grosso desta quantia desapareceu no pano verde do Estoril.

Posso afirmar categoricamente que

70 a 80 por cento dos que prestam contas daqueles actos criminosos passaram pelo Estoril!...

A minha referência só ao Estoril é devida ao facto de ser a zona compreendida dentro da alçada da Polícia de Lisboa. Nas outras zonas sucederá o mesmo.

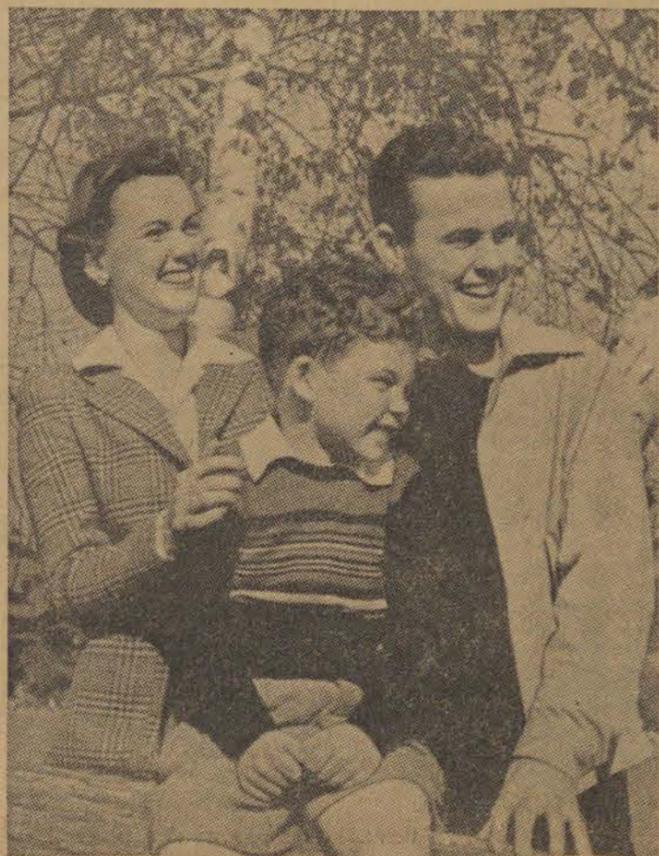
Como se vê, a entidade que fez ao «Século» as declarações transcritas não é contra a existência do jogo para aqueles que podem jogar. Nós também não. Aqueles que por mercê de elevadíssimas fortunas têm rendimentos que lhes permitam deitar fora milhares de contos, que o façam. Talvez mesmo isso seja útil, porque tal dinheiro poderá ser melhor aproveitado por outros possuidores.

O que nos preocupa e preocupa a própria Justiça, é a situação daqueles para quem o jogo representa uma tentação e uma ocasião sempre próxima para os mais graves crimes. Para defesa desses e defesa da sociedade constantemente prejudicada com os desmandos que praticam, é que se impõe a regulamentação mais apertada e a fiscalização constante e suficiente para prevenir a maior parte dos casos que hoje se tornam trágicos.

Sobre o mesmo assunto continuamos a transcrever de «O Século» outras declarações:

Este estado de coisas acabará quando se mantiver, no Estoril e em todas as outras zonas onde se joga, uma aturada e eficiente fiscalização. Não basta proibir a entrada a funcionários públicos, nessas casas; é necessário evitar que ali entrem aqueles que não podem jogar. O caso que há pouco lhe referi, do homem que se suicidou após ter perdido milhares de contos ter-se-ia evitado se ali houvesse uma aturada fiscalização. Faço esta afirmativa porque, tendo chamado ao meu gabinete dois empregados do jogo do Estoril, aos quais interroguei sobre este caso, eles me disseram: Estranhávamos o dinheiro que ele gastava. Era preciso ser muito rico!

(Continua na 5.ª página)



A felicidade dos lares bem merece a união de esforços de quantos podem contribuir para ela: industriais, operários, homens públicos, forças morais

O representante de Portugal na reunião, em Genebra, da Comissão Permanente da Reparação Internacional de Trabalho...

— Um decreto-lei, há dias publicado no «Diário do Governo», estabeleceu que o pombal-correio fosse considerado de utilidade pública...

— Foi submetido ao Congresso dos Estados Unidos um plano destinado a estabelecer providências políticas, económicas e defensivas contra a futura expansão da revolução comunista...

— Foi inaugurada no Entroncamento de Taner uma fábrica de sumos de frutas, equipada com o mais moderno maquinismo...

— Segundo declarações do ministro das Colónias britânico no O.N.U., a Inglaterra não participará de qualquer acção para impedir, pela força, a partilha da Palestina...

— A América, Inglaterra e França publicaram uma declaração conjunta de condenação formal da acção russa na Europa Oriental e Ocidental...

— Podia Vieira Pinto evitar alguns anacronismos. Não precisava deles para valorizar o seu trabalho...

— Também não acreditamos muito na passividade do Júlio que batendo em todas e até mesmo na companhia, se afasta com um grande ar de renúncia...

— Quanto ao «Grito na noite», lamentamos sinceramente não lhe termos reconhecido categoria. Não passa dum filme de propaganda...

— A pena, tanto mais que apreciamos muito a obra de Carlos Porfírio como artista de mérito. Salvou-se Maria Eduarda Gonzalo, na linda compeñosa...

— Ora com estes dois filmes suceder precisamente a mesma coisa. Porém, enquanto no Trindade tivemos o prazer de ver um filme incontestavelmente bom...

— A Rússia propôs à Finlândia um pacto militar de auxílio mútuo. — Prevê-se, em Londres, que o presidente Benés, da Checoslováquia, deixará o seu cargo...

— A Comissão Parlamentar de Política Norte-americana defende a construção de trinta e cinco mil aviões de guerra, no relatório que apresentou ao Congresso...

— O jovem maestro Ferruccio Buratto, de 8 anos, italiano, fez a sua estreia na América como regente, dirigindo uma orquestra de 80 músicos...

— A Grã-Bretanha, a França e a América estudam a questão das relações com a Checoslováquia. — O ministro do Interior austríaco afirmou que a Áustria não pode pagar os 200 milhões de dólares reclamados pela Rússia...

— De facto, no domingo transacto os resultados apurados nos campos pertencentes aos clubes que na primeira volta foram «visitantes»...

— Entre aqueles, o Sporting vai «suavemente» de domingo a domingo, tem beneficiado imenso com o empate conseguido pelo Estoril...

— Entre aqueles, o Sporting vai «suavemente» de domingo a domingo, tem beneficiado imenso com o empate conseguido pelo Estoril...

— Entre aqueles, o Sporting vai «suavemente» de domingo a domingo, tem beneficiado imenso com o empate conseguido pelo Estoril...

— Entre aqueles, o Sporting vai «suavemente» de domingo a domingo, tem beneficiado imenso com o empate conseguido pelo Estoril...

— Entre aqueles, o Sporting vai «suavemente» de domingo a domingo, tem beneficiado imenso com o empate conseguido pelo Estoril...

— Entre aqueles, o Sporting vai «suavemente» de domingo a domingo, tem beneficiado imenso com o empate conseguido pelo Estoril...

— Entre aqueles, o Sporting vai «suavemente» de domingo a domingo, tem beneficiado imenso com o empate conseguido pelo Estoril...

— Entre aqueles, o Sporting vai «suavemente» de domingo a domingo, tem beneficiado imenso com o empate conseguido pelo Estoril...

— Entre aqueles, o Sporting vai «suavemente» de domingo a domingo, tem beneficiado imenso com o empate conseguido pelo Estoril...

— Entre aqueles, o Sporting vai «suavemente» de domingo a domingo, tem beneficiado imenso com o empate conseguido pelo Estoril...

— Entre aqueles, o Sporting vai «suavemente» de domingo a domingo, tem beneficiado imenso com o empate conseguido pelo Estoril...

— Entre aqueles, o Sporting vai «suavemente» de domingo a domingo, tem beneficiado imenso com o empate conseguido pelo Estoril...

— Entre aqueles, o Sporting vai «suavemente» de domingo a domingo, tem beneficiado imenso com o empate conseguido pelo Estoril...

PÁGINA DESPORTIVA

COISAS DO FUTEBOL

A GLÓRIA E A DESGRAÇA ANDAM SEMPRE DE BRAÇO DADO...

Bem diziamos nós, no número anterior de «O Trabalhador», que os desafios correspondentes às treze jornadas da segunda volta do Campeonato Nacional de Futebol da I Divisão...

De facto, no domingo transacto os resultados apurados nos campos pertencentes aos clubes que na primeira volta foram «visitantes»...

Entre aqueles, o Sporting vai «suavemente» de domingo a domingo, tem beneficiado imenso com o empate conseguido pelo Estoril...

Entre aqueles, o Sporting vai «suavemente» de domingo a domingo, tem beneficiado imenso com o empate conseguido pelo Estoril...

Entre aqueles, o Sporting vai «suavemente» de domingo a domingo, tem beneficiado imenso com o empate conseguido pelo Estoril...

Entre aqueles, o Sporting vai «suavemente» de domingo a domingo, tem beneficiado imenso com o empate conseguido pelo Estoril...

Entre aqueles, o Sporting vai «suavemente» de domingo a domingo, tem beneficiado imenso com o empate conseguido pelo Estoril...

De todos os desportos

Registo e perspectivas da semana

Assim não! O rãquebi que este ano parece querer voltar ao brilho de outras épocas sofreu grave «panne» no último domingo...

Uma equipa de basquete do Sul foi perder a Coimbra, onde a velocidade dos jogadores do Centro levou brilhantemente de vencida a maior experiência dos lisboetas...

Na magnífica sala de desportos do Parque Eduardo VII realiza-se hoje à noite o 5.º Norte-Sul.

Estão presentes todos os campeões do mundo da modalidade, aos quais o público terá ocasião de manifestar a sua confiança...

Uma verdade, porém, é que, mesmo com o interesse circunscrito destes torneios, o Algués e Dafundo fez bem em ter começado...

Mais uma jornada de boa propaganda do basquetebol e mais uma preciosa recolha de indicações com

Várias A «Mocidade Portuguesa» com centenas de jovens em movimento, continua, semana a semana, a prestar precioso contributo à Educação Física...

— Está já constituída a selecção lisboeta de andebol que vai defrontar a turma portuguesa a fim de ser escolhido o grupo nacional...

Alvito

A COMUNIDADE DE BAIRRO PODE SER UMA REALIDADE

Continuamos a traduzir o artigo de G. Bardet que iniciámos no número passado. Depois de termos visto a) a estrutura urbana e b) a composição ideal do bairro-jardim, vamos agora examinar...

— Um jovem, — um comerciante, — um operário, — uma dona de casa, — um intelectual, — um arquitecto, um engenheiro ou geómetra, quer dizer, pelo menos uma pessoa capaz de desenhar ou de explicar um plano ou um mapa...

— a) estudar as necessidades do bairro; — b) reunir a documentação necessária relativa à habitação, os tempos livres, a circulação, as escolas; — c) manter-se em contacto com a organização geral da cidade ou das cidades vizinhas; — d) manter-se em contacto com todos os serviços municipais e as associações da cidade; — e) dar a sua opinião sobre a organização da cidade, na sua escala de bairro; — f) sobre a base de todas as informações recolhidas, formular um programa, depois um esboço da vizinhança, que será submetido ao urbanista.

— g) É necessário dar a conhecer a existência deste Conselho de bairro e para fazer isto, dar-lhe um posto de comando. A melhor sugestão consiste em localizá-lo num local independente e muito visível, uma loja por exemplo, com uma bandeira visível, onde as pessoas possam dirigir-se facilmente, entrar no decurso do seu caminho, e através da montra da qual os que passam possam ver os animadores. É nesse Posto de Comando que se encontram os chefes de grupo com os membros do Conselho e da Comissão.

— Veremos nos números seguintes: e) como elaborar o programa de melhoria do bairro? f) Como esboçar o plano de organização do bairro? Como dar ao bairro a sua autonomia jurídica e financeira? e h) A maioria deve ser merecida.

— Em conclusão, quando não se dispuser de uma delimitação efectuada pela topografia local, será preciso procurar só constituir como bairros, elementos de uma unidade indiscutível, por ex.: os bairros limitrofes entre duas pontes, os bairros apertados entre duas ou três vias férreas, as antigas aldeias tornadas arrabaldes fora de uma vila encerrada entre muralhas, um conjunto de casas operárias, etc...

— d) Como levar o bairro a tomar consciência de si? É preciso organizar um Conselho de Bairro — respondem os americanos que experimentaram fazê-lo. 1. Para isso, antes de fazer uma reunião pública, é indispensável contactar com certo número de amigos, de vizinhos, famílias, os quais tenham consciência da desordem de que sofrem as crianças, discutir suficientemente com cada um deles para que, do lado deles, todas as objecções estejam resolvidas, e formem um coro que apoie a vossa exposição pública...

— Estes primeiros elementos constituirão uma Comissão Provisória, que poderá tornar-se definitiva, se houver sabido escolher um conjunto conveniente de personalidades. 2. É necessário reunir as pessoas do bairro numa sala pública. a) por cartazes ou apelos lançados a todos — a reunião deve ser aberta a todos; b) por convocações e convites especiais dirigidos aos representantes das organizações ou interesses locais morais e materiais, a fim de se estar certo da sua presença. É preciso pelo menos uma pessoa por ilha ou rua do bairro. Por ocasião da reunião, é essencial dar a cada um a sua possibilidade de se exprimir. Se for possível, faça-se vir falar um orador de um outro bairro, já organizado, da cidade, ou melhor de outra localidade. 3. Esta assembleia elegerá o Conselho de Bairro, que pode ser bastante numeroso a fim de representar todas as tendências, e no qual uma Comissão Executiva será encarregada das decisões urgentes.

— V. M.

COISAS DO FUTEBOL

A GLÓRIA E A DESGRAÇA ANDAM SEMPRE DE BRAÇO DADO...

Bem diziamos nós, no número anterior de «O Trabalhador», que os desafios correspondentes às treze jornadas da segunda volta do Campeonato Nacional de Futebol da I Divisão...

De facto, no domingo transacto os resultados apurados nos campos pertencentes aos clubes que na primeira volta foram «visitantes»...

Entre aqueles, o Sporting vai «suavemente» de domingo a domingo, tem beneficiado imenso com o empate conseguido pelo Estoril...

Entre aqueles, o Sporting vai «suavemente» de domingo a domingo, tem beneficiado imenso com o empate conseguido pelo Estoril...

Entre aqueles, o Sporting vai «suavemente» de domingo a domingo, tem beneficiado imenso com o empate conseguido pelo Estoril...

Entre aqueles, o Sporting vai «suavemente» de domingo a domingo, tem beneficiado imenso com o empate conseguido pelo Estoril...

Entre aqueles, o Sporting vai «suavemente» de domingo a domingo, tem beneficiado imenso com o empate conseguido pelo Estoril...

Entre aqueles, o Sporting vai «suavemente» de domingo a domingo, tem beneficiado imenso com o empate conseguido pelo Estoril...

De todos os desportos

Registo e perspectivas da semana

Assim não! O rãquebi que este ano parece querer voltar ao brilho de outras épocas sofreu grave «panne» no último domingo...

Uma equipa de basquete do Sul foi perder a Coimbra, onde a velocidade dos jogadores do Centro levou brilhantemente de vencida a maior experiência dos lisboetas...

Na magnífica sala de desportos do Parque Eduardo VII realiza-se hoje à noite o 5.º Norte-Sul.

Estão presentes todos os campeões do mundo da modalidade, aos quais o público terá ocasião de manifestar a sua confiança...

Uma verdade, porém, é que, mesmo com o interesse circunscrito destes torneios, o Algués e Dafundo fez bem em ter começado...

Mais uma jornada de boa propaganda do basquetebol e mais uma preciosa recolha de indicações com

Várias A «Mocidade Portuguesa» com centenas de jovens em movimento, continua, semana a semana, a prestar precioso contributo à Educação Física...

— Está já constituída a selecção lisboeta de andebol que vai defrontar a turma portuguesa a fim de ser escolhido o grupo nacional...

COISAS DO FUTEBOL

A GLÓRIA E A DESGRAÇA ANDAM SEMPRE DE BRAÇO DADO...

Bem diziamos nós, no número anterior de «O Trabalhador», que os desafios correspondentes às treze jornadas da segunda volta do Campeonato Nacional de Futebol da I Divisão...

De facto, no domingo transacto os resultados apurados nos campos pertencentes aos clubes que na primeira volta foram «visitantes»...

Entre aqueles, o Sporting vai «suavemente» de domingo a domingo, tem beneficiado imenso com o empate conseguido pelo Estoril...

Entre aqueles, o Sporting vai «suavemente» de domingo a domingo, tem beneficiado imenso com o empate conseguido pelo Estoril...

Entre aqueles, o Sporting vai «suavemente» de domingo a domingo, tem beneficiado imenso com o empate conseguido pelo Estoril...

Entre aqueles, o Sporting vai «suavemente» de domingo a domingo, tem beneficiado imenso com o empate conseguido pelo Estoril...

Entre aqueles, o Sporting vai «suavemente» de domingo a domingo, tem beneficiado imenso com o empate conseguido pelo Estoril...

Entre aqueles, o Sporting vai «suavemente» de domingo a domingo, tem beneficiado imenso com o empate conseguido pelo Estoril...

De todos os desportos

Registo e perspectivas da semana

Assim não! O rãquebi que este ano parece querer voltar ao brilho de outras épocas sofreu grave «panne» no último domingo...

Uma equipa de basquete do Sul foi perder a Coimbra, onde a velocidade dos jogadores do Centro levou brilhantemente de vencida a maior experiência dos lisboetas...

Na magnífica sala de desportos do Parque Eduardo VII realiza-se hoje à noite o 5.º Norte-Sul.

Estão presentes todos os campeões do mundo da modalidade, aos quais o público terá ocasião de manifestar a sua confiança...

Uma verdade, porém, é que, mesmo com o interesse circunscrito destes torneios, o Algués e Dafundo fez bem em ter começado...

Mais uma jornada de boa propaganda do basquetebol e mais uma preciosa recolha de indicações com

Várias A «Mocidade Portuguesa» com centenas de jovens em movimento, continua, semana a semana, a prestar precioso contributo à Educação Física...

— Está já constituída a selecção lisboeta de andebol que vai defrontar a turma portuguesa a fim de ser escolhido o grupo nacional...



ELEIÇÕES SINDICAIS

No passado domingo 29 p. p. tiveram lugar as eleições em vários sindicatos operários. De entre eles no dos pintores da construção civil do Distrito de Lisboa.

Eram cerca de 12 horas quando reuniu a assembleia; infelizmente com o número de uns 15 sócios, caso que é bem de lamentar que os próprios operários que pagam as suas quotas, se tornem tão indiferentes ao movimento sindical, faltando assim a um dever de observar o que se passa e sugerir a direcção, como cumprem os seus deveres profissionais e as resgalias a que incontestavelmente têm direito.

De modo que se não ligarem importância, e se convencerem que pagam a quota só para trabalhar livremente sem incomodo dos fiscais sindicais, nada temos feito. Tratando com a direcção que me prestou toda a atenção, e me deu os melhores esclarecimentos, disse-me que não se podia fazer mais porque não tinham massa associativa que lhe sugerisse conveniências e inconveniências, e que infelizmente quando convidam os sócios para qualquer assembleia, não comparecem; ao que respondi que pena tinha a pesar de ser sócio efectivo me não tivesse convidado, porque não faltaria, a inteirar a direcção do que se passava à minha volta referente ao trabalho.

Falei-lhes do abono de família, claro está, antes de começar a assembleia, ao que me responderam que já tinham falado no assunto, e que esperavam por resposta de quem superintende nessas coisas, mas que era muito difícil por o pessoal da construção civil não ter estabelecido nos trabalhos.

Mas, voltando ao principio; porque e com que razão o operariado da construção civil, diz tanta coisa à volta dos sindicatos? Se não vai ver como funcionam e o que se passa lá dentro? Quanto a mim parece-me que o prudente primeiro estudar-se o assunto e depois falar-se de leve consoante a razão. Bem sei que será censurado por alguns camaradas pensando que estou defendendo os sindicatos, mas nem os defendo nas suas faltas, nem os ataco nas suas fraquezas, é apenas dizer o que sinto, que de um movimento de alguns milhares de sócios, compareceram 15, que se reuniram a direcção com o respeito que mereciam pela correcção como decorreu a assembleia.

OS ANTES DE EU SEI QUE SONHO

Não são os anos de vida que contam, mas sim aquilo por onde, em intensidade e em volume, se pode medir a obra de alguém.

Do mesmo modo se poderá dizer, que a maior ou menor sensibilidade, a emotividade e, mesmo, sofrimento, pelos problemas da vida do dia a dia do nosso semelhante, que são nossos também, não são função do tempo solar, porquanto há velhos verdadeiras crianças, e jovens que sentem e sofrem, precocemente, e quantas vezes desiludidos, como velhos.

Em suma, para se sentir as causas e consequências de certas realidades, que tantos seiam em desconhecer, não é preciso ser velho, nem muito erudito, mas sentir profundamente a vida, despegar-se um pouquinho da vida terrena, semeada de tanto egoísmo, má vontade, incompreensão e desdém pelo semelhante.

Não há muito, que uma individualidade norte-americana, opondo-se à

supressão de certas regalias da liberdade de critica, disse que o progresso dos Estados Unidos e a solução de muitos dos seus problemas se devem, precisamente, àquela.

Criticar é reparar, pró ou contra, e quando contra, se de boa-lé, não é vezes qual o mal. Criticar não é dizer só que sim, e quantas vezes se diz que sim, por comodismo ou elevados interesses. É bom não cair em paixões e extremos, para que o que reprovamos não possa ser apontado, como por nós usado. Quando se critica uma obra, com os olhos postos no futuro, é natural que mais importe o que falta fazer do que o já realizado, mas nunca, é bem evidente, se poderá negar, ou se nega, uma realidade, e assim, o que se encontra feito.

A minha vida ainda é curta, não passo dos 40 anos que se chamam primavera, mas sinto, por vezes, minha alma banhada de outonal desluzido, a que sempre realço, porque tenho fé na Vida, porque tenho fé bastante para desajar e esperar um mundo melhor, os homens dando as mãos, não em feminis e cândidos momentos de abandono, mas firmes de resolução, cheios de boa vontade, para que a felicidade seja uma realidade de todos.

dos, presente em todas as almas, em todos os lares.

Sou jovem, quase uma criança, mas como são para mim convoctas as lágrimas das crianças inocentes, que pedem pão, e como a minha alma se sente feliz, alegre, como tudo me sorri, quando, num papaguear que não entendo, uma crancinha me estende os braços por entre requintadas garfalhadas, que soam a Aleluia!

Passo na rua, e minha mão, já num gesto instintivo e irreflectido, toca nos cabelos das que encontro, meu coração pulsa de carinho, de amor, meus olhos rodam logo em volta, não tenha alguém visto esta minha expansão tão imprópria — mas será? — do nosso tempo, da minha idade e do meu sexo.

E a verdade é que não compreendo porque possa existir e consentir-se que se teime quase em prosseguir nos mesmos males, nos mesmos erros, nas mesmas faltas, roubando tão efémeras e raras ocasiões de felicidade, que as crancinhas me oferecem, a mim que não desejo o mal de ninguém!

Só agora me encontrei, neste divagar que é de sempre, e porque me encontrei, eu sei que souho.

DIAS NEVES

DA EDUCAÇÃO

«SER BOM PARA FAZER BEM»

Em boa hora se escreveu um dia que a maior desgraça de um povo é não receber a educação que merece.

E de todos os problemas que absolutamente prendem e captivam pelo interesse que despertam em todos os animos, sem os exacerbarem, e sem melindrar, tocando outros pontos facilmente mais vulneráveis, como politica e religião, é a educação o de simpatia mais geral.

E alguém escreveu, para que todos lessem e compreendessem que ao educar uma alma se deve pensar na sua velhice e mais ainda na sua eternidade.

Uma alma é um campo aberto a tudo produzir, conforme a sementeira que nela se fizer, respeitando neste ponto, as mesmas leis que regem a vida agrícola, atendendo à qualidade do terreno, seleccionando a semente, escolhendo a época e sabendo semear.

Dai o poder concluir-se sempre necessariamente que ser-se-á tudo ou nada conforme a educação que se tiver recebido.

Paul Combes, que ao problema educativo se prendeu com interessado cuidado, diz-nos na sua obra, o livro da Educadora:

...Incliná-se sobre uma alma imortal. Adivinhar cada instinto para lhe dar realce. Espiar cada arrojio, imprimindo-lhe fortaleza.

O que é pois educar? Será corrigir, sómente?

Focam-se demasiadamente na vida aspectos negativos, criando mentalidades que se deformam para o resto da vida.

Há defeitos a corrigir, sem dúvida; um defeito contraído equivale a educação negativa, educação a baixa temperatura.

E um grande processo de corrigir é precisamente nem sequer se falar do defeito, mas sim da virtude oposta,

como coisa positiva que naturalmente interessará mais uma alma e lhe dará a par de um entusiasmo maior, uma confiança mais firmada no valor da vida.

Educar vem etimologicamente do latim educere, o que pode corresponder a despertar em certo sentido. Despertar facultades que podem estar adormecidas, colocar valores onde um lugar possa e deve estar para eles.

Educar é fazer que alguém, por assim dizer se desentranhe de si mesmo, num trabalho animoso e confiado de valorização em todas as suas faculdades humanas. A criação dá a matéria prima; a educação aproveita enriquecendo essa matéria para construir.

O PROBLEMA DA IMPRENSA

por CARLOS BRANCO

(II)

Antes de procurarmos ir mais adiante e examinar qual seja a missão da Imprensa, parece-nos útil determo-nos algum tempo sobre uma situação temporânea em que aparece com certo relevo a posição da Imprensa num país. Trata-se de um episódio do último conflito, pouco conhecido em Portugal, mas digno de ser analisado em pormenor: a organização da censura à Imprensa, na Inglaterra durante a segunda guerra mundial.

Conta como esses serviços decorreram o próprio Superintendente das Notícias e da Censura durante esse período, Francis Williams, no seu livro, bem digno de tradução, «Press, Parliament and People», onde estuda os problemas referentes à Imprensa no mundo contemporâneo. Começa ele nesse livro por expor «o que aconteceu durante a guerra» e é partindo desse caso concreto que estuda depois, sobretudo do ponto de vista inglês, as relações da Imprensa com o povo e os vários órgãos de uma Nação, e o papel dos jornais na vida internacional.

Francis Williams é uma curiosa personalidade, Jornalista da provincia, tornou-se conhecido como competente cronista financeiro e foi director do «Daily Herald», o órgão tabalhistas. Já dissemos o cargo que occupou durante a guerra, e depois dela, suprimida a censura, occupou até há cerca de dois meses, o cargo de «Public Relations Officer», conselheiro de Relações Públicas) do primeiro ministro Attlee, cargo de que se demittiu. A sua experiencia não se pode por conseguinte, negar facilmente autoridade.

Não se iniciaram com grande felicidade os serviços de fiscalização à Imprensa naquela Ilha exemplar de rector. Francis Williams, então director do «Daily Herald» (só mais tarde, tendo deixado este lugar, entraria para o serviço público) «ia para a cama quando o telefone to-

cou». Estava-se na madrugada de 12 de Setembro de 1939, e telefonavam-lhe do jornal a dizer encontrarem-se lá dois policiaes, e dois policiaes que afirmavam ter ordens de Scotland Yard para fazer parar as máquinas e aprender as edições anteriores.

O telefone calou-se, mas voltou logo a tocar. A policia estava agora a retirar os jornais dos combóios, e a deter as camionetas da distribuição. Quando Williams chegou ao seu gabinete descobriu que em todos os jornais succedera o mesmo e que até os transeuntes eram feitos parar na rua para lhes perguntarem se haviam comprado alguns jornais. E tudo isto por causa de uma noticia que vinha em todas as primeiras páginas. Ora tal noticia fora aprovada pelo Ministério da Guerra, o Ministério da Informação e o Ministério da Censura.

«Mas agora todos os jornais ingleses que traziam tal noticia estavam a ser confiscados pela policia para impedir o publico inglês de a conhecer. A autorização para isso fora dada pela censura».

E quando todos os ministros estavam já a receber telefonemas sobre telefonemas, e as tipografias a procurarem imprimir números sem a maldadada noticia, eis que se anuncia ter a censura mudado de opinião e o comunicado já podia sair.

A reacção dos directores de jornais não se fez esperar. Veremos em seguida as consequências deste erro (o Gandhi bebeu a de misericórdia, como não se voltou a repetir. Dizem que os ciganos não gostam de ver os filhos muito bem criados desde o principio. A avaliar pela historia subsequente da censura inglesa, exemplo do que podem a confiança mútua e a lealdade, talvez tenham razão.

Foi, sabe-se agora por cartas e revelações da vida do Mahatma, na leitura, no conhecimento e no apreço do «Sermão da Montanha», naquelle H. maliaia de luz, de bondade, de caridade, de justiça e de misericórdia, que Gandhi bebeu a de misericórdia, como não se voltou a repetir. Dizem que os ciganos não gostam de ver os filhos muito bem criados desde o principio. A avaliar pela historia subsequente da censura inglesa, exemplo do que podem a confiança mútua e a lealdade, talvez tenham razão.

«Mas agora todos os jornais ingleses que traziam tal noticia estavam a ser confiscados pela policia para impedir o publico inglês de a conhecer. A autorização para isso fora dada pela censura».

E quando todos os ministros estavam já a receber telefonemas sobre telefonemas, e as tipografias a procurarem imprimir números sem a maldadada noticia, eis que se anuncia ter a censura mudado de opinião e o comunicado já podia sair.

A reacção dos directores de jornais não se fez esperar. Veremos em seguida as consequências deste erro (o Gandhi bebeu a de misericórdia, como não se voltou a repetir. Dizem que os ciganos não gostam de ver os filhos muito bem criados desde o principio. A avaliar pela historia subsequente da censura inglesa, exemplo do que podem a confiança mútua e a lealdade, talvez tenham razão.

Foi, sabe-se agora por cartas e revelações da vida do Mahatma, na leitura, no conhecimento e no apreço do «Sermão da Montanha», naquelle H. maliaia de luz, de bondade, de caridade, de justiça e de misericórdia, que Gandhi bebeu a de misericórdia, como não se voltou a repetir. Dizem que os ciganos não gostam de ver os filhos muito bem criados desde o principio. A avaliar pela historia subsequente da censura inglesa, exemplo do que podem a confiança mútua e a lealdade, talvez tenham razão.

Foi, sabe-se agora por cartas e revelações da vida do Mahatma, na leitura, no conhecimento e no apreço do «Sermão da Montanha», naquelle H. maliaia de luz, de bondade, de caridade, de justiça e de misericórdia, que Gandhi bebeu a de misericórdia, como não se voltou a repetir. Dizem que os ciganos não gostam de ver os filhos muito bem criados desde o principio. A avaliar pela historia subsequente da censura inglesa, exemplo do que podem a confiança mútua e a lealdade, talvez tenham razão.

Foi, sabe-se agora por cartas e revelações da vida do Mahatma, na leitura, no conhecimento e no apreço do «Sermão da Montanha», naquelle H. maliaia de luz, de bondade, de caridade, de justiça e de misericórdia, que Gandhi bebeu a de misericórdia, como não se voltou a repetir. Dizem que os ciganos não gostam de ver os filhos muito bem criados desde o principio. A avaliar pela historia subsequente da censura inglesa, exemplo do que podem a confiança mútua e a lealdade, talvez tenham razão.

Foi, sabe-se agora por cartas e revelações da vida do Mahatma, na leitura, no conhecimento e no apreço do «Sermão da Montanha», naquelle H. maliaia de luz, de bondade, de caridade, de justiça e de misericórdia, que Gandhi bebeu a de misericórdia, como não se voltou a repetir. Dizem que os ciganos não gostam de ver os filhos muito bem criados desde o principio. A avaliar pela historia subsequente da censura inglesa, exemplo do que podem a confiança mútua e a lealdade, talvez tenham razão.

Foi, sabe-se agora por cartas e revelações da vida do Mahatma, na leitura, no conhecimento e no apreço do «Sermão da Montanha», naquelle H. maliaia de luz, de bondade, de caridade, de justiça e de misericórdia, que Gandhi bebeu a de misericórdia, como não se voltou a repetir. Dizem que os ciganos não gostam de ver os filhos muito bem criados desde o principio. A avaliar pela historia subsequente da censura inglesa, exemplo do que podem a confiança mútua e a lealdade, talvez tenham razão.

Foi, sabe-se agora por cartas e revelações da vida do Mahatma, na leitura, no conhecimento e no apreço do «Sermão da Montanha», naquelle H. maliaia de luz, de bondade, de caridade, de justiça e de misericórdia, que Gandhi bebeu a de misericórdia, como não se voltou a repetir. Dizem que os ciganos não gostam de ver os filhos muito bem criados desde o principio. A avaliar pela historia subsequente da censura inglesa, exemplo do que podem a confiança mútua e a lealdade, talvez tenham razão.

Foi, sabe-se agora por cartas e revelações da vida do Mahatma, na leitura, no conhecimento e no apreço do «Sermão da Montanha», naquelle H. maliaia de luz, de bondade, de caridade, de justiça e de misericórdia, que Gandhi bebeu a de misericórdia, como não se voltou a repetir. Dizem que os ciganos não gostam de ver os filhos muito bem criados desde o principio. A avaliar pela historia subsequente da censura inglesa, exemplo do que podem a confiança mútua e a lealdade, talvez tenham razão.

Foi, sabe-se agora por cartas e revelações da vida do Mahatma, na leitura, no conhecimento e no apreço do «Sermão da Montanha», naquelle H. maliaia de luz, de bondade, de caridade, de justiça e de misericórdia, que Gandhi bebeu a de misericórdia, como não se voltou a repetir. Dizem que os ciganos não gostam de ver os filhos muito bem criados desde o principio. A avaliar pela historia subsequente da censura inglesa, exemplo do que podem a confiança mútua e a lealdade, talvez tenham razão.

Foi, sabe-se agora por cartas e revelações da vida do Mahatma, na leitura, no conhecimento e no apreço do «Sermão da Montanha», naquelle H. maliaia de luz, de bondade, de caridade, de justiça e de misericórdia, que Gandhi bebeu a de misericórdia, como não se voltou a repetir. Dizem que os ciganos não gostam de ver os filhos muito bem criados desde o principio. A avaliar pela historia subsequente da censura inglesa, exemplo do que podem a confiança mútua e a lealdade, talvez tenham razão.

Foi, sabe-se agora por cartas e revelações da vida do Mahatma, na leitura, no conhecimento e no apreço do «Sermão da Montanha», naquelle H. maliaia de luz, de bondade, de caridade, de justiça e de misericórdia, que Gandhi bebeu a de misericórdia, como não se voltou a repetir. Dizem que os ciganos não gostam de ver os filhos muito bem criados desde o principio. A avaliar pela historia subsequente da censura inglesa, exemplo do que podem a confiança mútua e a lealdade, talvez tenham razão.

Foi, sabe-se agora por cartas e revelações da vida do Mahatma, na leitura, no conhecimento e no apreço do «Sermão da Montanha», naquelle H. maliaia de luz, de bondade, de caridade, de justiça e de misericórdia, que Gandhi bebeu a de misericórdia, como não se voltou a repetir. Dizem que os ciganos não gostam de ver os filhos muito bem criados desde o principio. A avaliar pela historia subsequente da censura inglesa, exemplo do que podem a confiança mútua e a lealdade, talvez tenham razão.

Foi, sabe-se agora por cartas e revelações da vida do Mahatma, na leitura, no conhecimento e no apreço do «Sermão da Montanha», naquelle H. maliaia de luz, de bondade, de caridade, de justiça e de misericórdia, que Gandhi bebeu a de misericórdia, como não se voltou a repetir. Dizem que os ciganos não gostam de ver os filhos muito bem criados desde o principio. A avaliar pela historia subsequente da censura inglesa, exemplo do que podem a confiança mútua e a lealdade, talvez tenham razão.

Foi, sabe-se agora por cartas e revelações da vida do Mahatma, na leitura, no conhecimento e no apreço do «Sermão da Montanha», naquelle H. maliaia de luz, de bondade, de caridade, de justiça e de misericórdia, que Gandhi bebeu a de misericórdia, como não se voltou a repetir. Dizem que os ciganos não gostam de ver os filhos muito bem criados desde o principio. A avaliar pela historia subsequente da censura inglesa, exemplo do que podem a confiança mútua e a lealdade, talvez tenham razão.

Foi, sabe-se agora por cartas e revelações da vida do Mahatma, na leitura, no conhecimento e no apreço do «Sermão da Montanha», naquelle H. maliaia de luz, de bondade, de caridade, de justiça e de misericórdia, que Gandhi bebeu a de misericórdia, como não se voltou a repetir. Dizem que os ciganos não gostam de ver os filhos muito bem criados desde o principio. A avaliar pela historia subsequente da censura inglesa, exemplo do que podem a confiança mútua e a lealdade, talvez tenham razão.

Foi, sabe-se agora por cartas e revelações da vida do Mahatma, na leitura, no conhecimento e no apreço do «Sermão da Montanha», naquelle H. maliaia de luz, de bondade, de caridade, de justiça e de misericórdia, que Gandhi bebeu a de misericórdia, como não se voltou a repetir. Dizem que os ciganos não gostam de ver os filhos muito bem criados desde o principio. A avaliar pela historia subsequente da censura inglesa, exemplo do que podem a confiança mútua e a lealdade, talvez tenham razão.

Foi, sabe-se agora por cartas e revelações da vida do Mahatma, na leitura, no conhecimento e no apreço do «Sermão da Montanha», naquelle H. maliaia de luz, de bondade, de caridade, de justiça e de misericórdia, que Gandhi bebeu a de misericórdia, como não se voltou a repetir. Dizem que os ciganos não gostam de ver os filhos muito bem criados desde o principio. A avaliar pela historia subsequente da censura inglesa, exemplo do que podem a confiança mútua e a lealdade, talvez tenham razão.

Foi, sabe-se agora por cartas e revelações da vida do Mahatma, na leitura, no conhecimento e no apreço do «Sermão da Montanha», naquelle H. maliaia de luz, de bondade, de caridade, de justiça e de misericórdia, que Gandhi bebeu a de misericórdia, como não se voltou a repetir. Dizem que os ciganos não gostam de ver os filhos muito bem criados desde o principio. A avaliar pela historia subsequente da censura inglesa, exemplo do que podem a confiança mútua e a lealdade, talvez tenham razão.

Foi, sabe-se agora por cartas e revelações da vida do Mahatma, na leitura, no conhecimento e no apreço do «Sermão da Montanha», naquelle H. maliaia de luz, de bondade, de caridade, de justiça e de misericórdia, que Gandhi bebeu a de misericórdia, como não se voltou a repetir. Dizem que os ciganos não gostam de ver os filhos muito bem criados desde o principio. A avaliar pela historia subsequente da censura inglesa, exemplo do que podem a confiança mútua e a lealdade, talvez tenham razão.

© todos os direitos reservados

APRENDAMOS ECONOMIA

Por ABEL VARZIM

Os preços, a oferta, a procura e a sua influencia mútua

Depois de sabermos o que é o preço, o que são os mercados e o que é a oferta e a procura, vamos estudar agora qual a influencia dos preços sobre a oferta e a procura e vice-versa.

A lei a fixar é esta: a oferta varia em razão directa, e a procura em razão inversa dos preços. Por outras palavras: quanto mais elevados forem os preços maior será a oferta e menor a procura; e quanto mais baixos forem os preços tanto menor será a oferta e tanto maior a procura.

Porque? Porque a subida dos preços estimula a produção e a baixa diminui-a. Não se viu ainda há pouco, toda a agricultura produzir batata porque o preço era elevado? E não se está a ver agora que já se não semeia tanta batata por ter baixado o preço? Por sua vez a procura aumenta com a diminuição dos preços, e diminui com a subida dos mesmos.

Quando a batata está muito cara, o preço da batata sobe e o consumo diminui. Quando a batata está muito barata, o preço da batata desce e o consumo aumenta.

Invocamos o nome de Álvaro Lius, possivelmente um dos homens que melhor tem sabido cumprir — iam a dizer a missão sagrada da critica —

Como este já vai longo, guardaremos a continuação para outro dia.

L. T.

gládios com que abriam sanquentos caminhos de ideias, ou com que tentaram domar e dominar a justiça dos povos em que puseram suas ambições?!

A historia regista-os, como factos, porque obrigatoriamente, o desenho feito tem de passar por esses pontos, para nos dar a linha que liga o passado ao presente. Mas nem os corações os guardam, nem as memórias os respeitam!

E dos outros, daqueles «loucos», que vingaram até hoje, não estão os seus exemplos e as suas doutrinas, mau grado a lentidão, vencendo e aperfeiçoando a Humanidade?!

Não se guardam — religiosamente — carinhosamente — os seus nomes? A diferença está só no processo!

Se todos procuram a «justiça» que, em certo modo é sinónimo de felicidade, — um visando, obstatinadamente, em alcançar pela violência, dando de barato que é a justiça que procuram e não a satisfação das suas próprias aspirações e paixões; — outros tentando atingi-la pela paciente perseverança que dá todo o amor a uma causa nobre e de bem geral, — não ainda vamos pelos «loucos da não-violência»!

Não existe, no mundo, de pé, uma obra de odio!

As obras do Amor são marcos que os séculos têm erigido, uma linha recta, pelas mãos de uma civilização que tem vindo a engrandecer-se cada vez mais, e estão ali sempre vivos, sempre exemplares e edificantes, a testemunharem que o Amor é mais forte e mais profícuo!

Na quadra da vida internacional estão, infelizmente, a extremar-se os campos e campos que querem e se pretende qualificar de «amor» e de «ódio», consoante se trata do Ocidente para o Oriente!

Desconhecemos o que se passa para os lados orientais, mas oxalá que o «Ocidente», com a prudência necessária, possa inflamar-se mais do amor do que do odio, seja, de alguma maneira, a repetição, em grandiosos exemplos, que se chamaram «Cristo», «Francisco de Assis», «Gandhi» e mais alguns dos seus exemplos, porque só o Ocidente-louco de amor e de justiça, pode vencer e converter o Oriente que está a inflamar-se e a perturbar o mundo com a irradiação de uma onda de odios!

Onde estão hoje os «nomes», já não diremos as «obras», dos homens que fizeram da violência e da força os gumes dos seus gládios, daqueles

LUSITANUS.

aos senhores industriais que reflectam as observações deste chefe de família e que façam o possível para evitar os males morais deste trabalho nocturno.

Os industriais estão a pagar, por lei, uma percentagem sobre os salários para as Companhias de Seguros por causa dos accidentes de trabalho. Parece-me a mim que esse desconto deveria ser incluído no seguro social e que deveria ser este a garantir o pagamento das indemnizações.

Roma e Pavia não se ficaram num dia. E esta secção também não.

Temos também uma observação a fazer uma vez mais. Não é preciso pedir-nos que não divulguemos o nosso nome. Temos consciência das nossas responsabilidades. Nós só divulgamos o nome daquele ou daqueles a quem nos fatessemes ludibrium serindo-se de qualquer abonação a seu respeito para abusivamente nos enganar. Então teriamos de cumprir o nosso dever. Mas como isso nunca nos aconteceu nos 13 anos que tem de publicação este jornal, não esperamos que nos aconteça agora.

Redes estar, portanto, descansados. A lei da Imprensa não nos obriga a revelar o nome de ninguém que escreva na Imprensa. Ora nós também o não revelaremos por nossa iniciativa, logo, ficais sossegados.

De Lisboa, escreve-nos um operário a dizer que, embora não esteja inteiramente de acordo com as nossas ideias, aprecia muito o nosso jornal porque também deseja que se faça um esforço grande para se chegar ao levantamento do nível intelectual do operariado. Para este objectivo todos devem colaborar com dedicação.

Estamos então de acordo. O homem valorizando-se torna o mundo melhor. E não é para um mundo melhor que nós todos devemos trabalhar?

Ataqueis quem causam a divisão, o odio e o ataque. Não são cegos ou são inconscientes. Com esses não há que contar para a construção de um mundo melhor.

O mundo só se tornará melhor quando todos se amarem mais e se jogarem, vigilância que teria de ser feita com a maior discreção para ser eficiente e não molestar quem quer que seja. Todos — e todos não são demais — para esse supremo objectivo.

Do Norte, escreve-nos um operário: Não será possível obter-se que se reduza ao mínimo o trabalho de menores nos turnos da noite?

Para isso é necessário que se produza um grande aumento de procura. Mas isso são contos largos que ficam para outra vez.

Vejam agora a influencia da oferta e da procura sobre os preços.— Eis a lei: os preços variam em razão directa da procura e em razão inversa da oferta. Quer dizer, quando aumenta a oferta os preços descem e quando diminui a oferta os preços sobem; e vice-versa, quando aumenta a procura os preços sobem, e quando esta diminui, os preços descem.

É claro que esta lei só «joga» quando varia só um dos termos. Ex.: para que os preços subam com o aumento da procura é necessário que a oferta permaneça a mesma. De contrário, isto é, se a oferta aumenta também na mesma proporção do aumento da procura, não se dá variação de preços, visto que estes ficam sujeitos à influencia de duas forças contrárias (uma a puxar para baixo, toda a gente a pode comprar e consequentemente a procura aumenta. Mas o que se deu com a batata dá-se com tudo o mais. Ex.: um aparelho de radiotelephonia não é acessível a todos. Mas se o preço descesse para muito baixo, já maior quantidade de familias o poderia adquirir, aumentando portanto a procura. Portanto a procura desenvolve-se com a baixa dos

preços e restringe-se com a subida. É claro que, quando dizemos: em razão directa ou inversa, não queremos dizer proporcionalmente. Basta, por vezes, uma pequena descida para produzir um grande aumento de procura. Mas isso são contos largos que ficam para outra vez.

Vejam agora a influencia da oferta e da procura sobre os preços.— Eis a lei: os preços variam em razão directa da procura e em razão inversa da oferta. Quer dizer, quando aumenta a oferta os preços descem e quando diminui a oferta os preços sobem; e vice-versa, quando aumenta a procura os preços sobem, e quando esta diminui, os preços descem.

É claro que esta lei só «joga» quando varia só um dos termos. Ex.: para que os preços subam com o aumento da procura é necessário que a oferta permaneça a mesma. De contrário, isto é, se a oferta aumenta também na mesma proporção do aumento da procura, não se dá variação de preços, visto que estes ficam sujeitos à influencia de duas forças contrárias (uma a puxar para baixo, toda a gente a pode comprar e consequentemente a procura aumenta. Mas o que se deu com a batata dá-se com tudo o mais. Ex.: um aparelho de radiotelephonia não é acessível a todos. Mas se o preço descesse para muito baixo, já maior quantidade de familias o poderia adquirir, aumentando portanto a procura. Portanto a procura desenvolve-se com a baixa dos

preços e restringe-se com a subida. É claro que, quando dizemos: em razão directa ou inversa, não queremos dizer proporcionalmente. Basta, por vezes, uma pequena descida para produzir um grande aumento de procura. Mas isso são contos largos que ficam para outra vez.

Vejam agora a influencia da oferta e da procura sobre os preços.— Eis a lei: os preços variam em razão directa da procura e em razão inversa da oferta. Quer dizer, quando aumenta a oferta os preços descem e quando diminui a oferta os preços sobem; e vice-versa, quando aumenta a procura os preços sobem, e quando esta diminui, os preços descem.

É claro que esta lei só «joga» quando varia só um dos termos. Ex.: para que os preços subam com o aumento da procura é necessário que a oferta permaneça a mesma. De contrário, isto é, se a oferta aumenta também na mesma proporção do aumento da procura, não se dá variação de preços, visto que estes ficam sujeitos à influencia de duas forças contrárias (uma a puxar para baixo, toda a gente a pode comprar e consequentemente a procura aumenta. Mas o que se deu com a batata dá-se com tudo o mais. Ex.: um aparelho de radiotelephonia não é acessível a todos. Mas se o preço descesse para muito baixo, já maior quantidade de familias o poderia adquirir, aumentando portanto a procura. Portanto a procura desenvolve-se com a baixa dos

preços e restringe-se com a subida. É claro que, quando dizemos: em razão directa ou inversa, não queremos dizer proporcionalmente. Basta, por vezes, uma pequena descida para produzir um grande aumento de procura. Mas isso são contos largos que ficam para outra vez.

Vejam agora a influencia da oferta e da procura sobre os preços.— Eis a lei: os preços variam em razão directa da procura e em razão inversa da oferta. Quer dizer, quando aumenta a oferta os preços descem e quando diminui a oferta os preços sobem; e vice-versa, quando aumenta a procura os preços sobem, e quando esta diminui, os preços descem.

É claro que esta lei só «joga» quando varia só um dos termos. Ex.: para que os preços subam com o aumento da procura é necessário que a oferta permaneça a mesma. De contrário, isto é, se a oferta aumenta também na mesma proporção do aumento da procura, não se dá variação de preços, visto que estes ficam sujeitos à influencia de duas forças contrárias (uma a puxar para baixo, toda a gente a pode comprar e consequentemente a procura aumenta. Mas o que se deu com a batata dá-se com tudo o mais. Ex.: um aparelho de radiotelephonia não é acessível a todos. Mas se o preço descesse para muito baixo, já maior quantidade de familias o poderia adquirir, aumentando portanto a procura. Portanto a procura desenvolve-se com a baixa dos

preços e restringe-se com a subida. É claro que, quando dizemos: em razão directa ou inversa, não queremos dizer proporcionalmente. Basta, por vezes, uma pequena descida para produzir um grande aumento de procura. Mas isso são contos largos que ficam para outra vez.

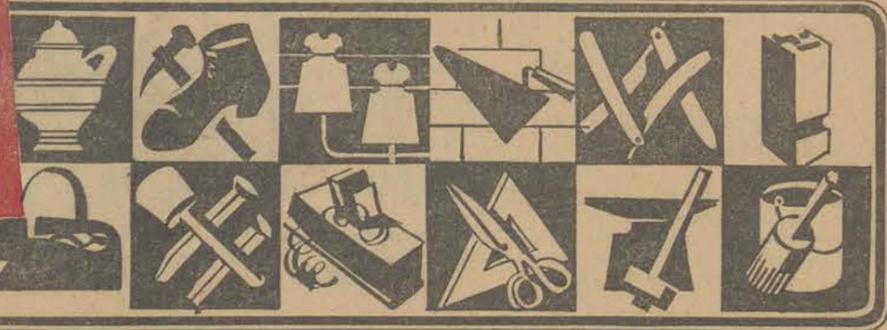
Vejam agora a influencia da oferta e da procura sobre os preços.— Eis a lei: os preços variam em razão directa da procura e em razão inversa da oferta. Quer dizer, quando aumenta a oferta os preços descem e quando diminui a oferta os preços sobem; e vice-versa, quando aumenta a procura os preços sobem, e quando esta diminui, os preços descem.

É claro que esta lei só «joga» quando varia só um dos termos. Ex.: para que os preços subam com o aumento da procura é necessário que a oferta permaneça a mesma. De contrário, isto é, se a oferta aumenta também na mesma proporção do aumento da procura, não se dá variação de preços, visto que estes ficam sujeitos à influencia de duas forças contrárias (uma a puxar para baixo, toda a gente a pode comprar e consequentemente a procura aumenta. Mas o que se deu com a batata dá-se com tudo o mais. Ex.: um aparelho de radiotelephonia não é acessível a todos. Mas se o preço descesse para muito baixo, já maior quantidade de familias o poderia adquirir, aumentando portanto a procura. Portanto a procura desenvolve-se com a baixa dos

preços e restringe-se com a subida. É claro que, quando dizemos: em razão directa ou inversa, não queremos dizer proporcionalmente. Basta, por vezes, uma pequena descida para produzir um grande aumento de procura. Mas isso são contos largos que ficam para outra vez.

L. T.

Este é um assunto delicado, em virtude de ter começado antes dos outros o seguro contra os accidentes no trabalho. Organizaram-se poderosas companhias. Agora é mais difícil. Mas isso não impede que não seja de acatar o seu alvitre. Pelo menos é esse o conceito adoptado em muitos países que incluem o seguro contra os accidentes no seguro social. Poupar-se-ia, em beneficio do seguro social, o lucro das empresas, e talvez não se discutisse tanto, nos Tribunais de Trabalho, o direito à indemn



AS CRIADAS DE SERVIR...

A SOLUÇÃO DADA NO BRASIL

Vimos, no último número, num resumo, forçosamente incompleto, a situação das criadas de servir e o grave problema suscitado por algumas devido aos roubos, de maior ou menor vulto, cometidos nas casas que servem.

Dissemos que o problema não pode ter solução meramente policial, embora contribua para atenuar a desconfiança dos patrões quando têm de aceitar uma criada.

As Agências estão longe de corresponderem aos objectivos para que foram criadas.

Os «conhecimentos» que sirvam de garantia de seriedade que se exige nem sempre estão ao alcance das pessoas necessitadas e em muitos casos são precários.

Sabemos que ao Sr. Governador Civil de Lisboa foi cometido o encargo de resolver o instante problema. Por certo que não serão descaídas, em face da complexidade deste, as considerações — forçosamente incompletas — que fizemos, como não deixará de ter o seu interesse conhecer a solução que o Brasil deu ao caso.

Respígamos em jornal brasileiro as disposições, que sobre o assunto entraram em vigor em Janeiro de 1944. No Rio de Janeiro o problema era gravíssimo. Segundo cálculos sumários então feitos pela polícia, elevava-se a trezentos mil o número de domésticos.

Já em 1923 fora criada a Carteira Profissional para Domésticos. Mas a solução, tanto quanto possível definitiva, só em 1944 surgiu e mesmo então por escalões ou sectores citadinos.

Fábrica Triunfo

(Continuação da 6.ª página)

belecidos como até voluntariamente, os temos aumentado quando assim o entendemos e gratificado, ao fim do ano, aqueles que melhores provas de eficiência nos têm dado.

E, assim, temos conseguido manter com o n/ pessoal as melhores relações, traduzidas numa mútua compreensão de deveres que nos isentaram até hoje, de quaisquer conflitos. Não obstante, compreendemos que, com ou sem razão, algo existe que desconhecemos e de que o seu conteúdo jornal se faz eco.

Por esse motivo, com todo o prazer aceitamos a oferta que nos faz no último período da citada local para, com o concurso de V., procurar esclarecer qualquer dúvida que possa existir, na certeza de que acima de tudo nos interessa o cumprimento integral do que for justo.

Nesta expectativa nos firmamos, com os protestos da n/ melhor consideração e particular estima,

de V. Ex.
Attos., Venrs. e Obgdos.,
O Director

Esta empresa compreendeu muito bem a finalidade do nosso jornal que não é de luta, mas de colaboração com todas as pessoas de boa vontade «no cumprimento integral do que for justo».

«O Trabalhador», por intermédio da sua Delegação de Coimbra, pôs-se a em contacto com a gerência das Fábricas Triunfo para expor de viva voz os motivos que nos levaram a escrever a referida local.

Estamos certos de que tudo se harmonizará e de que a colaboração se fará no melhor espírito de compreensão, com o qual todos temos a lucrar.

VISADO PELA
COMISSÃO DE CENSURA

A Secção do Registo e Contrôlo dos Empregados Domésticos foi transferida para o Serviço Especializado de Fiscalização à Mendicância e Menores.

A Secção comporta três Repartições:

- 1) Queixas, Reclamações e Sindicâncias;
- 2) Identificação e vida progressa (anterior).
- 3) Expediente e arquivo.

O cadastro de identificação, para não falarmos das atribuições da primeira, suficientemente explícitas, procede ao cadastro das criadas, colhendo impressões digitais, em dois boletins diferentes, um dos quais será enviado à Direcção Geral dos Serviços de Identificação.

O cadastro é organizado por forma a figurar no «Boletim de Informações» tudo o que possa documentar a idoneidade moral e profissional da criada.

É atribuição da 3.ª Secção, à qual incumbe a recolha e entrega de «bilhetes de identidade»; o controle de mudanças de residência e empregos em fichas que conterão todas as características de identidade da criada.

Consideram-se domésticos os cozinheiros e ajudantes, copeiros, arrumadores, lavadeiras, engomadeiras, jardineiros, serventes, enceradores, amas secas, ou de leite, costureiras e, de modo geral, todos quantos se empreguem à soldada, em qualquer serviço de natureza idêntica, em casas particulares.

O serviço de cadastro, identificação e fornecimento de «bilhetes de identidade doméstica» são gratuitos, cabendo aos interessados providenciar a respeito, para o que terão apenas de apresentar à secção três fotografias do tamanho exigido para as carteiras de identidade.

É vedada a intervenção de intermediários.

No cadastro prevêem-se etapas por sectores devido à sua extrema complexidade e vastidão.

No bilhete de identidade figuram: o número do registo, fotografia, a impressão digital do polegar direito, o nome, filiação, raça, idade, naturalidade, estado civil, instrução, residência e especialidade do portador.

No caso de extravio, ou inutilização provocada pelo uso, será passada «segunda via» do bilhete de identidade.

No caso de mudança, a criada terá de comunicá-la, sob pena de cair sob a alçada da polícia e incorrer em sanções se se averiguar má fé.

Para as falsas informações estão igualmente previstas sanções.

O registo das criadas é obrigatório. As menores de 18 anos só será passado bilhete de identidade desde que estejam devidamente autorizadas a trabalhar pelo Juízo de Menores.

A Secção de Registos de Domésticos não se responsabiliza pelas criadas não registadas, recaíndo a responsabilidade sobre os patrões que não comunicarem a admissão dessas criadas.

No caso de delito, estão previstas medidas policiais, a primeira das quais é a apreensão do bilhete de identidade.

A Secção de Domésticos procurará solucionar as dificuldades dos domésticos desempregados e sem meios de subsistência, que aí procurem auxílio e orientação.

A mesma Secção envidará esforços no sentido de ser oportunamente organizado, com a cooperação de outras organizações, do comércio e indústria, um serviço de assistência social, destinado a amparar os domésticos de

conduta exemplar que se tornarem inválidos para o trabalho, em consequência de idade ou enfermidade.

Serão adoptadas medidas para acautelar a saúde dos domésticos. A secção conta com a colaboração do público, sem a qual não é possível organizar convenientemente os «boletins informativos».

O caso brasileiro documenta a nossa afirmativa de que não basta a regulamentação policial.

Os jornais — lá como cá — noticiam roubos, como sinal de que nem a identificação serve para evitar totalmente esses delitos.

Bastam as excepções para alarmar a população desde que se lhes dê a publicidade que entre nós se dá aos roubos das criadas.

Insistimos na necessidade de orga-

nizar escolas profissionais onde as criadas aprendam não só a trabalhar e a aperfeiçoar-se, mas a respeitar a propriedade alheia por menor que seja o seu valor.

Que nós saibamos, existem só duas escolas no género, as quais numa futura organização de domésticos, podem ser apresentadas como modelares.

Referimo-nos à Obra de Protecção às Raparigas, que mantém uma escola técnica e de formação moral, no Palácio da Gandarinha, em Sintra; e à Obra de Providência e Formação das Criadas, que funciona na Estrela e que é mais vulgarmente conhecida pelo nome de Casa de Santa Zita.

Esta última é uma Associação — com perto de seiscentas associadas — que está realizando uma obra interessante.

Tanto numa como noutra, há cursos intensivos de aprendizagem de culinária, costura, puericultura e hi-

giene, enfermagem de urgência, etc.

Impõe-se, por outro lado, a extinção das agências, como foco infecto onde converge, em geral, o que de mais abjecto existe na classe das criadas.

Com elas acabaria o perigo de contágio moral a que nas agências estão expostas as que ali vão ter por engano.

As donas de casa também precisariam duma escola para aprenderem muita coisa que desconhecem e para poderem orientar, com são critério, o trabalho das criadas que se relaxam, profissionalmente, por culpa de quem não sabe mandá-las convenientemente.

Em Lisboa, existe uma Escola nessas condições — no Instituto de Serviço Social. Bom seria que numa futura organização ela fosse copiada por outras entidades.

As revistas da especialidade podiam, juntamente com as frivolidades que inserem, «reger», a rigor, um curso de donas de casa, para bem da comunidade.

Eis uma parte mínima do muito que seria possível dizer-se deste magno problema.

CARTA DE AMIGO

De um operário a outro operário

Quem pretende entrar no casamento, dispõe-se, automaticamente, a assumir o lugar de chefe de família e de educador dos filhos.

Deve, porém, preparar-se o que não estiver apto para o exercício de tão importante e grave missão, não se dê o caso de a sua imprevidência o lançar num abismo sem salvação possível...

Falam melhor do que as nossas considerações, os exemplos de todos os dias, que a ninguém passam despercebidos e chegam a confranger-nos, de tal maneira nos chocam as consequências tristes dessas uniões de loucos.

A muitos, o mal não lhes cabe inteiramente a eles. Vem da casa paterna, onde se acostumaram a não tomar a sério os passos importantes da vida.

Há excepções honrosas quando têm a sorte de encontrar uma esposa bem formada e eles não são de todo insensíveis. Porém, grande parte deles e delas não são assim e os resultados de tais casamentos... conhece-os tu, conheço-os eu, conhecemo-los todos.

A má preparação de tais aspirantes ao matrimónio é a falta de pais educadores, que possuídos de virtudes morais e sociais os saibam transmitir aos filhos, moldando-lhes o carácter à sua imagem e semelhança.

Tristíssima é a semelhança e a imagem que alguns pais fixam nos filhos!... São o seu retrato, sim, mas embaciado, onde não se descobrem valores de nenhuma espécie construtiva, e, em vez disso, que seria riqueza, só há traumatismo moral, vícios de raízes fundas.

Como é possível daqueles alfores apodrecidos reproduzir lares saudáveis? Por isso o que vemos nascer deles são autênticos tumores infecciosos a enfraquecer o corpo social.

Alheios ao sentido da sua responsabilidade, esses pais cedo perdem o «controle» dos filhos. Uma vez ou outra ainda pretendem intervir, mas depressa se apercebem que a sua voz não tem eco...

Julga-se, erradamente, que por serem rapazes não faz mal dar-lhes certas liberdades. Mas não demoram a verificar que se enganaram. É já tarde. Os filhos saem e entram a qualquer hora, dispõem absolutamente de si sem uma satisfação aos «velhos», termo com que esses jovens de emancipação doentia substituem o doce nome de mãe e pai. Aquelas vidas já não lhes pertencem. Só foram deles quando as tocavam no berço e algum tempo depois, bem pouco...

É quase certo que os que vivem desregradamente antes do matrimónio, assim continuam nele, e em vez de encontrarem paz só acham tristeza e lágrimas, desavenças e aversões.

O que convém, portanto, é a preparação dos filhos em casa dos pais, o que só é possível se o pai for verdadeiro pai e a mãe verdadeira mãe. Isto desde a infância, a corrigir más inclinações e a fortalecer a vontade no enriquecimento do carácter, força-motora a impô-los, depois, em todos os pormenores da vida cheia de exigências, perigos e ciladas.

A pobreza de carácter de pais e filhos que para aí vai...

Se tu que das atenção a este nosso falar de amigo és casado e tens filhos, vê em que te diz respeito. Se não tiveres que emendar, alegra-te e prossegue. Ao contrário, se não tens sabido corresponder ao teu dever, arrepenha caminho que andas a semear desolação...

Tem presente que a existência dos filhos tanto é motivo de benção para os pais como de maldição.

Interrogei um dia um desgraçado, cuja vida criminosa o levou à cadeia, de como tinha descido tanto. Não me falou nos seus crimes, mas disse-me imediatamente, de lágrimas nos olhos: «Só atribuo as culpas a meus pais, que nunca me ensinaram senão o mal com a vida reles que levavam». Depois de um silêncio que não quis perturbar, o infeliz voltou a olhar-me triste como a noite, onde não se descobria um rai de esperança, e continuou: «O pior de tudo é que tenho

quatro filhos e a mãe deles pouco melhor é do que eu».

Não são aquelas uniões autênticos tumores infecciosos?

Outras há que sem atingirem o extremo do referido exemplo irradiam imenso mal e igualmente enfraquecem a sociedade e merecem o mesmo qualificativo.

A facilidade com que muitos se juntam, dentro e fora das leis matrimoniais, é idêntico àquela com que se separam e dão a outros... Miséria sobre miséria!

Tanto que pudermos dizer neste pormenor! Para quê? Basta olharmos o que se passa por aí e chegaremos a uma conclusão... tristíssima.

O que convém é fixarmos isto: Os que têm filhos os eduquem para a vida moral que é a base da felicidade e a certeza de que dessa saúde espiritual não-de resultar as virtudes que dignificam o homem, como sejam o gosto pelo trabalho e o verdadeiro amor à família onde nasceu e à que vier a constituir.

Como se lê num oportuno e importantíssimo documento sobre o matrimónio, «a prosperidade da vida temporal dos cidadãos não pode permanecer forte e segura, quando vacila no próprio fundamento em que se apoia, que é a rectidão e a moralidade dos costumes, e quando pelos vícios dos cidadãos se destrói a fonte donde deriva a mesma sociedade civil, que é o matrimónio e a família».

Certos que os lares do futuro se preparam nos lares do presente, aceita-se igualmente como verdade que «os filhos serão o que os pais quiserem que sejam», salvo raríssimas excepções.

O nosso grande defeito é não pensarmos, como se impõe, naquele dever, dispondo-nos a uma interferência verdadeiramente paternal.

Dos pais compenetrados da sua responsabilidade se pode dizer que são valores a criar outros valores.

Estarás tu incluído nesta distinta classificação?

PAULO DA CRUZ